



APRESENTAÇÃO DO V. 18, N. 2 DA TRAVESSIAS: DOSSIÊ “DISCURSO E LETRAMENTO LITERÁRIOS E NÃO-LITERÁRIOS EM CONTEXTOS PERIFÉRICOS: NARRATIVAS, IMAGINÁRIOS E EXPERIÊNCIAS DENTRO E FORA DA AMAZÔNIA”

A presente edição da Revista **Travessias** se propõe a explorar um conjunto de temas complexos, multidimensionais e sempre necessários: as dinâmicas de poder e as assimetrias que moldam o campo literário e educacional no Brasil, com um foco especial em regiões historicamente marginalizadas, como a Amazônia, o Nordeste, as zonas rurais do país, dentre outras áreas geo-culturais e geo-epistêmicas frequentemente secundarizadas. A partir de uma perspectiva crítica, este número da revista busca dar visibilidade às narrativas, experiências educacionais e práticas culturais que emergem desses contextos, propondo perspectivas que, em alguma medida, se erguem para além da hegemonia dos centros de poder acadêmico e cultural localizados em espaços urbanos e institucionais de prestígio no Sul, Sudeste e/ou Centro-Oeste do país.

Na literatura, a título de exemplo do campo de produção cultural, frequentemente se estabelecem relações de poder a partir de um cânone – um conjunto de obras e autores considerados exemplares e, portanto, mais dignos de estudo e atenção. Esse referencial é muitas vezes associado a prestígio social e vantagens na economia da atenção em determinados circuitos culturais em que uma elite se firma como forma de instanciação hegemônica, por assim dizer. Esse cânone literário, por conseguinte, captura e distribui prestígio e atenção de maneiras que reforçam as hierarquias sociais e culturais existentes, geralmente relegando à margem aquelas obras que não se conformam aos padrões privilegiados do momento (Pascolati; Platzer, 2019). O fenômeno da canonização, por sua própria natureza intrínseca, implica um processo de seleção e exclusão que acaba privilegiando certas narrativas e excluindo outras, que não se alinham às exigências do *establishment* cultural. Isso é especialmente evidente quando se observam as obras e autores que ou não galgaram prestígio (o suficiente em comparação a artistas da mesma época), ou só obtiveram o devido reconhecimento tardiamente, a exemplo de Carolina Maria de Jesus (Brasil), Dahlma Llanos-Figueroa (Porto Rico), Flora Nwapa (Nigéria), Mário António Fernandes de Oliveira (Angola), António Aurélio Gonçalves (Cabo Verde), Glória de Sant’Anna (Moçambique), Alda Espírito Santo (São Tomé e Príncipe), Krupabai Sathianadhan (Índia), entre outras/os.

Não apenas na literatura, mas também na produção científica, o funcionamento dos centros de poder e prestígio acadêmico tende a colaborar para essa exclusão sistêmica, que empurra para as bordas da economia da atenção os trabalhos investigativos, literários e artísticos que não correspondem aos

interesses do *mainstream* cultural e científico. Essa marginalização não se vincula somente à dimensão geográfica, mas também simbólica, já que os produtos que não se encaixam nos moldes do cânone ou da agenda acadêmica do momento são frequentemente vistos como menos valiosos ou menos dignos de atenção crítica. No entanto, é precisamente nessas margens que encontramos algumas das vozes mais inovadoras e desafiadoras, aquelas que têm o potencial de reimaginar e redefinir o que a ciência educacional/linguística e a literatura podem ser, em um horizonte cada vez mais amplo de possibilidades, a exemplo de pesquisadoras pioneiras/os, como Rosa Virgínia Barreto de Mattos Oliveira e Silva, Ana Mae Barbosa, Maria do Socorro S. de Aragão, Cleuza Bezerra de Menezes, dentre outras.

No que concerne mais especificamente ao contexto educacional, seus objetos de estudo são frequentemente compreendidos e desenvolvidos a partir de uma perspectiva metropolitana, nucleada nos principais centros de poder acadêmico do país e/ou do globo. Em parte, essa centralização resulta da concentração de instituições de pesquisa em língua, educação e literatura em determinadas regiões (André, 2006; Silva; Borba, 2018). No entanto, a localização dessas entidades não é apenas uma questão de geografia, mas também de poder, pois reflete a forma como os recursos e as oportunidades são distribuídos de maneira desigual pelo país e pelo mundo.

Por outro lado, essa mesma centralização reflete não somente a localização física dessas instituições, bem como a forma pela qual o conhecimento é produzido e validado. As ideias e práticas desenvolvidas nesses centros de poder tendem a dominar o campo acadêmico e artístico, criando uma hierarquia de conhecimento que muitas vezes ignora ou marginaliza as perspectivas e experiências das regiões periféricas. Adicionalmente, essa dissimetria refrata desigualdades socioeconômicas profundas que, apesar de alguns avanços recentes, continuam a acentuar o contraste entre as realidades de letramento e produção científica nas regiões meridionais e setentrionais, mais ou menos urbanas e rurais, brancas e afro-indígenas, vulneráveis e privilegiadas, periféricas e burguesas.

Ainda que o exercício do poder epistêmico e científico gere e sustente disparidades entre diferentes regiões do país e do globo, é importante reconhecer que as assimetrias de poder também se manifestam dentro das próprias regiões de onde a maioria dos processos hegemônicos deriva. Nesse sentido, Victora e Moreira (2006) ressaltam que, mesmo dentro desses polos acadêmicos ou artísticos prestigiados, certas vozes e departamentos se fazem ouvir de maneira mais frequente e enfática, enquanto outras tendem a ser silenciadas ou marginalizadas. Isso significa que as dinâmicas de poder dentro do campo acadêmico são complexas e multifacetadas, refletindo não apenas divisões geográficas, mas também institucionais e disciplinares.

Tendo em vista essa realidade de desigualdades no campo da produção de pesquisa em literatura, linguística, comunicação e educação, esta edição de **Travessias** leva a cabo seu compromisso de fomentar um espaço em que pesquisadores de objetos investigativos menos aclamados, possam compartilhar suas

investigações sobre práticas de letramento e discursos literários, sociais e além, em contextos de marginalização. Ao reunir uma variedade de perspectivas de diferentes realidades culturais e geográficas, a revista oferece um espaço vital para o diálogo e a reflexão crítica sobre as questões que moldam nossas sociedades hoje.

O presente dossiê temático se estabelece como um fórum de discussão dedicado a examinar aspectos cruciais para os estudos em formação linguística e práticas discursivas, literárias e não-literárias. Ele traz consigo perspectivas emancipatórias que são sensíveis às diferenças e que examinam criticamente as relações de poder, as quais sustentam ou circunscrevem várias formas de assimetria socioeducacional, cultural e econômico-política. Sua meta é desafiar, ainda que em reduzido grau, as formas tradicionais de pensar e fazer literatura, linguística, comunicação e educação, ressignificando e ampliando o escopo do que consideramos relevante e valioso.

Através desse enfoque, esta coletânea de artigos busca lançar luz sobre as formas como essas desigualdades são reproduzidas e desafiadas em contextos diversos. Trata-se de um convite para repensar nossas concepções de letramento, literatura, processos formativos e prática discursiva, reconhecendo a riqueza e a complexidade das vozes que emergem das margens. Esse ponto de vista envolve uma crítica não apenas da unilateralidade de práticas literárias, mas também das estruturas que sustentam essas práticas, incluindo as instituições que definem e regulamentam o que é considerado conhecimento legítimo.

Os trabalhos incluídos neste dossiê são fundamentados a partir de uma variedade de correntes teórico-metodológicas provenientes de disciplinas como Linguística Aplicada, Sociolinguística, Análises do Discurso, Comunicação, Estudos Literários, Estudos Culturais e Educação. Esses campos, em conjunto, oferecem uma base sólida para explorar a dimensão formativa em língua, literatura, história e sociedade, bem como para escrutinar a produção artística e social, a construção e o funcionamento do imaginário, das narrativas e das ações formativas em espaços que de alguma forma, ou em algum grau, são marginalizados.

A diversidade teórico-metodológica deste dossiê talvez seja uma de suas principais virtudes, já que permite que uma gama de perspectivas e abordagens gravitem em torno do tema aglutinador que orienta esta antologia, as periferias, no seu sentido multidimensional, que envolve ciência, arte, sociedade e cultura. Ao invés de constituir-se enquanto limitador, essa propriedade multivariada deste dossiê tanto enriquece o debate, como também permite que novas formas de conhecimento emergjam, desafiando as concepções consagradas nos círculos de poder acadêmico/artístico, e propondo alternativas possivelmente mais instigantes ou, pelo menos, deslocadas do ordinário e do hegemônico. A abertura deste volume para diferentes correntes de pensamento é igualmente imprescindível em campos de

pesquisa que buscam ser inclusivos e representativos das complexidades culturais, epistemológicas e sociais do Brasil e além.

Esta edição acolheu prioritariamente trabalhos de pesquisadores do eixo Norte-Nordeste brasileiro, sem, no entanto, deixar de incorporar estudos de outras partes do país, os quais se encontram plenamente alinhados ao escopo do que havia sido imaginado para a presente coletânea. Cabe esclarecer também que este foco geográfico e simbólico buscou contribuir para um retrato mais preciso e engajado das condições educacionais, do corpo da literatura científica, da arte e da consciência social que se fomenta nas áreas mais periféricas da nação. Semelhantemente, esse enfoque trans-regional se mostra nevrálgico, porque Norte e Nordeste, bem como outras áreas do mundo frequentemente marginalizadas no discurso global, produzem pesquisas tão provocativas e rigorosas quanto aquelas que derivam dos grandes centros, o que só corrobora o fato de que esses espaços têm muito a oferecer em termos de episteme e experiência. Através dos pesquisadores aqui indiciados, é possível notar a multiplicidade de vozes e histórias que têm sido tradicionalmente sub-representadas, de modo que a inclusão dessas perspectivas certamente engrandece a produção acadêmico-científica nas áreas aqui contempladas. Ao celebrar a diversidade investigativa e a resistência cultural dos pesquisadores que contribuem com este periódico, o presente volume coopera para a construção de um cenário de produção intelectual menos homogêneo, menos injusto e desigual, onde mais vozes possam ser ouvidas e valorizadas.

A um só tempo, esta edição torna visíveis arte literária e discursos, juntamente com experiências de ensino-aprendizagem, provenientes ou vinculadas a espaços frequentemente subalternizados ou excluídos de determinados circuitos da cultura acadêmica. Este dossiê, portanto, representa um esforço coletivo para, apesar das intensas disputas na economia das atenções científicas e editoriais, garantir uma plataforma merecida e necessária para que artefatos artísticos, práticas de letramento e construções socio-imaginárias secundarizadas – no sentido concreto e metafórico sugerido por Emecheta (2021) – alcancem reconhecimento na esfera da produção e divulgação de pesquisas linguísticas, literárias e educacionais, nacional e internacionalmente.

Um dos artigos que demonstram esse compromisso foi elaborado pelas pesquisadoras Joana Maria Leôncio Núñez e Jane Adriana Vasconcelos Pacheco Rios, da UNEB (Universidade do Estado da Bahia), intitulado “O que narram as professoras negras ativistas?”. O texto explora as narrativas de resistência e identidade de professoras negras, destacando suas contribuições para a educação e a luta contra o racismo estrutural. O artigo também reflete sobre como essas educadoras utilizam suas vivências e saberes para fomentar práticas educativas emancipadoras, propondo uma reavaliação das estruturas curriculares mais conservadoras através de uma lente mais crítica e afrocentrada.

Mariana Sousa Dias, por sua vez, vinculada à UFF (Universidade Federal Fluminense) e ao Colégio Dom Pedro II, contribui com o artigo “O signo da fera: uma leitura antropofágica de ‘O som do

rugido da onça’ de Micheliny Verunschik”. Este trabalho oferece uma análise crítica que mescla elementos da teoria antropofágica de Oswald de Andrade com uma leitura contemporânea da obra de Verunschik, evidenciando como a narrativa dialoga com as questões de identidade e resistência cultural em um contexto pós-colonial.

Por outro lado, a insubmissão no ambiente educacional é o destaque do trabalho de Marisa Montrucchio, Géssyca Karoline Cardoso Wanzeler e Jorge Domingues Lopes da UFPA (Universidade Federal do Pará). Nesse texto, “A (in)disciplina no contexto escolar: reflexões para uma discussão necessária”, os autores propõem uma revisão crítica das concepções de disciplina dentro das escolas, destacando a necessidade de compreender o comportamento dos alunos em relação aos contextos socioculturais nos quais estão inseridos. Os autores também sugerem que a indisciplina é muitas vezes uma resposta a estruturas escolares que não reconhecem a diversidade cultural e social dos alunos.

Já no âmbito da literatura, em “As mazelas do extrativismo: poder e ecocrítica em Gabriel García Márquez”, Felipe França Ferreira e Samuel Anderson de Oliveira Lima, da UFRN (Universidade Federal do Rio Grande do Norte), examinam a obra de Márquez sob essa perspectiva ecocrítica, discutindo como o autor aborda a exploração dos recursos naturais e as implicações sociais e ambientais do extrativismo na América Latina. Ferreira e Lima desafiam os leitores a reconsiderarem as narrativas literárias como espaços de resistência e conscientização sobre questões ambientais urgentes.

Na esfera educacional, o artigo “Acadêmicos indígenas: Kanhgág na Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica”, de Jefferson Virgílio, da UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina), apresenta uma análise das experiências de estudantes indígenas no ensino superior, destacando os desafios e as conquistas desses agentes de transformação no contexto de um curso de graduação inovador, tanto quanto desafiador. De modo geral, o autor debate sobre como a educação intercultural pode servir enquanto um instrumento de fortalecimento das identidades dos povos tradicionais e uma ferramenta de promoção da justiça social.

De volta ao âmbito da literatura, no artigo “A caça às bruxas do século XX: a perseguição e a apropriação dos corpos femininos em ‘Garotas Mortas’”, Eliane da Silva, da UNILA (Universidade Federal da Integração Latino-Americana), oferece uma leitura crítica das narrativas que cercam a violência de gênero e a opressão das mulheres. A autora utiliza a obra da argentina Selva Almada como um ponto de partida para discutir como a literatura pode revelar, explorar e questionar as dinâmicas de poder que perpetuam a desigualdade de gênero.

Ainda no que diz respeito a área educacional, Joelson Pereira de Sousa e Larissa Emídio Alves, ambos da UNEB (Universidade do Estado da Bahia), em seu artigo “Emergência e circulação da fórmula discursiva ‘Itinerário Formativo’ e o projeto neoliberal na reforma do Ensino Médio”, investigam a introdução e a operacionalização social da expressão ‘Itinerário Formativo’ nas mudanças educacionais

recentes do país. Os autores analisam como esse elemento discursivo crucial se insere dentro de um contexto do capitalismo contemporâneo, que busca moldar a educação para atender às demandas do mercado de trabalho, e o faz frequentemente em detrimento das necessidades e interesses dos estudantes, e da sociedade.

Por sua vez, Dalila Maria Silva de Macêdo e Naziozênio Antonio Lacerda, da UFPI (Universidade Federal do Piauí), exploram como as narrativas transmídia podem ser utilizadas no ensino de Língua Portuguesa para promover um engajamento crítico e criativo dos aprendizes. Em “Zumbi de Palmares em narrativas transmídia: um novo ethos para o ensino e a aprendizagem de Língua Portuguesa”, os autores destacam o potencial dessas narrativas em fomentar novas perspectivas sobre figuras históricas negras, e seu papel na construção da identidade afro-brasileira.

Do outro lado do país, da UFPA (Universidade Federal do Pará), Maria Ivonete Coutinho da Silva também contribui para esta antologia com o artigo “As relações de poder e de gênero: diálogos entre literatura africana e literatura amazônica”. A pesquisadora reflete comparativamente sobre essas duas literaturas, concentrando-se nas representações que instanciam relações assimétricas de gênero. Em suma, Coutinho da Silva discute como essas literaturas podem funcionar enquanto plataforma de mútua cooperação analítica, viabilizando uma compreensão mais ampla das disparidades sociais e culturais que afetam as comunidades marginalizadas desses dois espaços.

Por fim, em “Uma proposta de oficina literária com narrativas híbridas de história e ficção: ressignificando identidades quilombolas”, Fernanda Sacomori Candido Pedro e Gilmei Francisco Fleck, da Unioeste (Universidade Estadual do Oeste do Paraná), apresentam uma metodologia inovadora para o ensino de literatura em territórios quilombolas. O artigo postula, com efeito, a utilização de narrativas híbridas como uma forma de resgatar e valorizar as identidades culturais dessas comunidades, promovendo uma educação que respeite e celebre a diversidade.

À medida que nos encaminhamos para o encerramento desta apresentação, notamos que esta se constitui tanto como um ato de síntese quanto uma extensão das reflexões propostas na coletânea que a acompanha, navegando entre o acadêmico e o poético, o analítico e o sensível. Reiteramos que este dossiê tem como fio condutor a exploração das vozes que ecoam nas margens, a revelação de imaginários que emergem das bordas geográficas e simbólicas, e a exaltação de experiências que resistem, por sua natureza e condição, à canonização e à centralização epistêmica.

Ao trazer à tona narrativas periféricas, esta antologia cumpre o papel de deslocar o olhar do/a interlocutor/a, promovendo uma inversão necessária das posições habituais de centralidade e marginalidade. As vozes que aqui se manifestam – de professores negros ativistas, de indígenas-estudantes, de artistas que resistem ao esquecimento canônico – constituem um novo epicentro para o diálogo acadêmico e artístico. Elas não apenas desafiam, em dado grau, as formas clássicas de

conhecimento, mas também criam novos caminhos para se pensar a educação, a literatura, e o próprio ato de letramento.

Este dossiê da Revista **Travessias** é, portanto, um chamado à ação. Ele nos convida a olhar além das margens e a reconhecer o valor intrínseco das narrativas e experiências que emergem desses espaços. Ele nos desafia a questionar as estruturas de poder que perpetuam a exclusão e a desigualdade, e a imaginar um mundo onde mais vozes tenham validade e legitimidade. Ora, mais do que isso, ele nos oferece o vislumbre de um futuro em que a diversidade é celebrada como uma força vital, em que o conhecimento é compartilhado de forma equitativa, e no qual as margens não são mais vistas como espaços de carência, mas como fontes de criação e conhecimento.

Ao concluir esta edição, torna-se evidente que a jornada proposta por este dossiê não é apenas uma travessia pelas águas turvas da marginalização, mas também uma celebração das possibilidades que surgem quando essas águas são navegadas com coragem, responsabilidade, empatia e um profundo respeito pela diversidade humana. Que as vozes aqui reunidas possam ecoar para além das páginas desta revista, inspirando novas travessias e novas formas de ver, compreender e transformar o mundo.

Desejamos a todas/os uma ótima leitura.

*Gilberto Alves Araújo
Edmon Neto de Oliveira
Eliene Rodrigues Sousa*

REFERÊNCIAS

- ANDRÉ, M. A jovem pesquisa educacional brasileira. *Rev. Diálogo Educ.*, Curitiba, v. 6, n. 19, p. 11-24, 2006.
- EMECHETA, B. *Second-Class Citizen*. London: Penguin Classics, 2021.
- PASCOLATI, S.; PLATZER, M. B. Cânone e escola: disputas de poder. *Terra Roxa e Outras Terras: Revista de Estudos Literários*, Londrina, v. 37, p. 5-8, 2019.
- SILVA, P. V. B. da; BORBA, C. dos A. de. Políticas Afirmativas na Pesquisa Educacional. *Educar em Revista*, Curitiba, v. 34, n. 69, p. 151-191, maio 2018.
- VICTORA, C. G.; MOREIRA, C. B. Publicações científicas e as relações Norte-Sul: racismo editorial? *Revista de Saúde Pública*, Pelotas, v. 40, p. 36-42, 2006.